

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

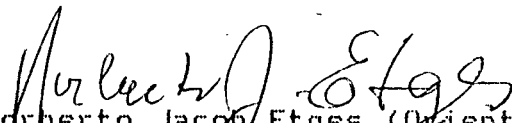
BIBLIOTECA SETORIAL
CENTRO CIÊNCIAS EDUCAÇÃO
CED - UFSC

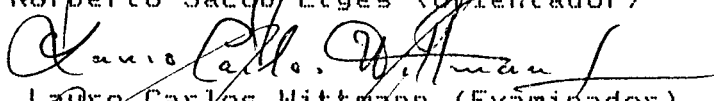
A IDÉIA DE UNIVERSIDADE NUMA

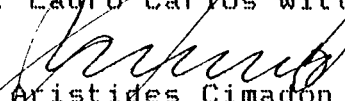
UNIVERSIDADE QUE NASCE

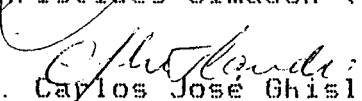
Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

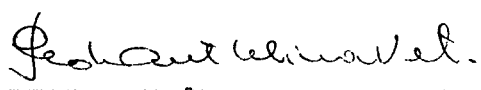
APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 13/05/93


Prof. Dr. Norberto Jacob Etges (Orientador)


Prof. Dr. Lauro Carlos Wittmann (Examinador)


Prof. Dr. Aristides Cimadon (Examinador)


Prof. MSc. Carlos José Ghislandi (Suplente)


PEDRO ANTÔNIO DE LIMA NETO

Florianópolis, Santa Catarina

Maio/1993

PEDRO ANTÔNIO DE LIMA NETO

A IDÉIA DE UNIVERSIDADE NUMA UNIVERSIDADE QUE NASCE

BIBLIOTECA SETORIAL
CENTRO CIÊNCIAS EDUCAÇÃO
CED - UFSC

Dissertação de Mestrado em Educação (Educação e Trabalho), exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre. Orientada pelo Prof. Norberto Jacob Etges. Apresentada à Comissão julgadora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.



0.209.624-5

UFSC-BU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FLORIANÓPOLIS – SC 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO.

COMISSÃO JULGADORA.

PROF. DR. NORBERTO JACOB ETGES

PROF. DR. LAURO CARLOS WITTMANN

PROF. ARISTIDES CIMADON MSC

PROF. CARLOS GHISLANDI MSC

ÍNDICE GERAL

SIMULANDO UMA APRESENTAÇÃO...

1 – INTRODUÇÃO

2 – GRANDES UNIVERSIDADES DO MUNDO OCIDENTAL

3 – A UNIVERSIDADE ALEMÃ DE WILHELM VON HUMBOLDT

4 – A UNIVERSIDADE INGLESA DE NEWMAN

5 – A UNIVERSIDADE AMERICANA DE WHITEHEAD

6 – A UNIVERSIDADE FRANCESA DE NAPOLEÃO

7 – UMA UNIVERSIDADE QUE NASCE

7.1 – O HISTÓRICO

7.2 – O CONCEITO

7.3 – A ORGANIZAÇÃO

8 – BIBLIOGRAFIA

8.1 – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DO TEXTO

8.2 – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA



RESUMO

O presente trabalho tenta investigar o conceito básico de Universidade. Em seguida, entendendo que a idéia de Universidade é a forma concreta como o conceito-base se objetiva, analisa quatro universidades modernas do mundo ocidental procurando desvendar-lhes a idéia. As universidades escolhidas, aleatoriamente, foram a alemã de Humboldt, a inglesa de Newman, a americana de Whitehead, a francesa de Napoleão. Depois, por ter eu acompanhado de perto um período importante do "Projeto da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC", procuro examinar o conceito-base dessa nova Universidade.

O nascimento da UNOESC é entendido como exigência da realidade objetiva histórica da região e se procura mostrar a necessidade que ela tem de ser implantada e implementada a partir de seu conceito-base: "Comunidade de professores e alunos que buscam o conhecimento pela pesquisa e o difundem pelo ensino e pela extensão". Assim, universalizando cada vez mais as pessoas pelo conhecimento, deverá promover de maneira imaginativa o desenvolvimento, para que os indivíduos possam usufruir do progresso o mais intensamente possível. As formas organizacionais atuais da UNOESC deverão ceder lugar a outro modelo que facilite a realização da sua IDÉIA. A interdisciplinaridade, a criatividade da pesquisa, não de preservar a instituição dos laços das burocracias finalísticas.

BIBLIOTECA SETORIAL
CENTRO CIÊNCIAS EDUCAÇÃO
CED - UFSC

ABSTRACT

This is an attempt to investigate the basic concept of the university. Given that the IDEA of a university is the real form by which the basic concept is manifested, the paper goes on to analyze four modern western universities in an effort to reveal the IDEA of each of them. The university models were chosen at random as follows, Germany (Humboldt), England (Newman), USA (Whitehead) and France (Napoléon). Finally, having accompanied closely an important stage of the UNOESC Project in the University of the Western Santa Catarina State, the basic concept of this University is analyzed.

The birth of UNOESC is here understood as the answer to the real historical demand of the region and attempts to show the need for implanting and implementing in accordance with the basic concept of a "community of professors and students who seek knowledge through research and spread it through education and extension". Thus, universalizing access to knowledge and promoting development in an imaginative way, people can avail of progress as intensively as possible. Present organizational structures at UNOESC should give way to another model with a view to facilitating the carrying out of the IDEA. Both interdisciplinary and creative research should preserve this institution from the morass of finalistic bureaucracy.

AGRADECENDO

SE AS HORAS DE VIDA DEDICADAS A ESTE MODESTO TRABALHO PUDESSEM SER TRANSFORMADAS EM DÁDIVAS EU AS OFERECERIA...

Ao Professor Norberto Etges, meu orientador, pela atenção.

Aos meus Professores do mestrado: Lauro Wittmann, Reinaldo Fleuri, Edel Ern, Selvino Assmann, pela reflexão e paciência.

Aos colegas do curso. Todos... com relevo para a Aurea, Zeina, Tânia, Araci, Gilson, Lulu e Gongga.

Aos funcionários do curso de mestrado pelas gentilezas.

Aos coordenadores do curso, Prof. Erno Daglieber e André José Angotti.

A ACAFE pelo apoio financeiro concedido.

A minha mãe, que me acompanha pelos caminhos da vida interrogando-me sem me perguntar...

A tia Zilda e a meus irmãos, amigos fiéis de toda hora...

A dona Carlota, mãe de minha companheira

A memória de meu Pai, e de meu Sogro, indivíduos incomparáveis!

Ao Professor Aristides Cimadon e à Equipe da UNOESC, pelo carinho, compreensão e amizade.

A Isabel, minha companheira de caminhada...

incentivadora, secretária, amiga, que me tem carregado quando cansado

e me arrastado quando desanimado!

SIMULANDO UMA APRESENTAÇÃO

De minha perspectiva, julgo um dever ético e uma obrigação de justiça apresentar este trabalho frisando, de maneira especialíssima, que as reflexões aqui apresentadas foram sorvidas dos anos de experiência e estudos do Professor NORBERTO JACOB ETGES.

Quando iniciei o Curso de Mestrado, era funcionário da Extensão Rural e pensava elaborar um trabalho sobre essa atividade.

Devido a circunstâncias conjunturais da vida, tive oportunidade de conhecer o "Projeto de Universidade do Oeste de Santa Catarina".

Foi incentivado pelo Professor Norberto que iniciei, ou melhor, iniciamos a pensar no tema "Universidade" como possível proposta de dissertação de Mestrado.

Tenho consciência clara de que à minha dissertação "falta a briga de uma escola ou visão contra outra, falta talvez o debate, o confronto de doutrinas" como me disse ultimamente meu orientador. Mas, ousou apresentar esta dissertação como início de uma caminhada pessoal e grupal. Se algo for encontrado de novo, de avançado, de ousado neste trabalho, é fruto dos estudos, da experiência e da vivência de universidade do Mestre Norberto.

Minha expectativa é prosseguir nessa caminhada acompanhado de tão excelente Mestre. A ele a minha homenagem e a gratidão de aluno.

1 – INTRODUÇÃO

O homem é um ser histórico que se põe no mundo com o dom de conhecer o universo. Esse conhecimento se amplia como principal instrumento de compreensão da natureza e como elemento concreto de produção de novas formas de riqueza.

Com isso, o conhecimento torna-se a base sobre a qual o homem cria e recria o mundo, refazendo continuamente o novo, através do processo de posição e dissolução, em patamares sempre mais elevados e mais complexos.

Visto dessa perspectiva o conhecimento revela-se como negação e construção, ao fazer e refazer suas categorias, suas leis, suas teorias. Assim, o conhecimento torna-se elemento determinante dos processos mais avançados de produção e de evolução da ciência e da tecnologia que são também instrumentos e meios utilizados pela humanidade para suprir suas necessidades e seus carecimentos.

O indivíduo, ao ver ampliar-se o campo da ciência descobre a possibilidade de usufruí-la, atingindo maiores graus de liberdade e realização. Mas, compreende também que aumenta sua dependência e a impossibilidade de usufruir de todo o conhecimento produzido.

Para o indivíduo e mesmo para os cientistas e especialistas abrem-se, cada vez mais, as áreas do conhecido. Este fato os distancia, sempre mais, da possibilidade de abarcar tudo o que foi construído pela humanidade.

O indivíduo-sujeito, enquanto ser historicamente posto, alicerçará no conhecimento, na razão, sua existência, gerando para si mesmo a exigência, a necessidade de participar sem constrangimento, sem limite, desse conhecimento universal.

Os indivíduos imersos no cotidiano de seus afazeres e preocupações não podem se responsabilizar por recolher o saber produzido pela humanidade no passado. Nem tão pouco podem prover o armazenamento das verdades verificadas no presente, nem a

promoção de saberes novos que realizem, com o progresso da ciência, o avanço tecnológico e a afirmação das individualidades.

Há, pois, a necessidade de que surja uma instituição que se ocupe e cuide desse direito que as pessoas têm, de saber. É a materialidade histórica do homem que exige que surja essa instituição que tenha por essência ocupar-se e responsabilizar-se pela busca de conhecimentos velhos e novos. Isso acontecerá na instituição denominada universidade através das ações de "pesquisa de mestres e discípulos". Outras formas institucionais existentes, como Centros de Pesquisa, Laboratórios de Informações, Fundações de Investigações, têm suas responsabilidades científicas voltadas para conhecimentos particulares. São centros particulares de indagação e dedicam-se a apreciar informações e a aprofundar e avaliar conhecimentos que interessam a setores específicos, a regiões determinadas, a produções especiais. Dirigem-se a interesses mais imediatos e singulares.

Essas instituições contribuem sobremaneira para o progresso da ciência e desenvolvimento da humanidade. Mas se contrapõem ao conceito de universidade porque aquelas visam a produtos específicos que interessam a setores particularísticos e esta, a saberes universais, sem limite de liberdade de ensinar e pesquisar.

À universidade, por sua mesma definição, procura a universalidade dos conhecimentos para que toda a humanidade possa usufruir deles.

À universidade cabe verificar o saber, a razão. É seu princípio fundamental.

É seu conceito. Verificar: de "verus" e "ficare". Verus é o verdadeiro, a verdade. "Ficare" é de fazer surgir, provar, tornar verdadeiro:... "que a busca da verdade prossiga, em toda parte, sem constrangimento, é um direito da humanidade, como humanidade", diz Karl Jaspers (1). Dessa forma, a universidade aparece como a instituição encarregada de resguardar, resgatar e realizar o direito das pessoas de conhecer, de atingir e de participar da universalidade dos saberes.

Negar ao indivíduo o direito de verificar o saber, é negar-lhe a capacidade de se pôr como sujeito no processo de superar seus limites; é negar-lhe o talento de suplantar as barreiras do tempo-espaço e os obstáculos que o mundo atual lhe põe.

"A busca da verdade é uma tarefa à qual os homens devem poder se consagrar livremente e com todas as suas energias. Os mais jovens devem aprendê-la, incessantemente, junto aos mais velhos, para prolongá-la também na vida concreta. Juntos formam a comunidade de pesquisadores e dos estudantes. Essa comunidade de homens que fazem profissão de apreender a verdade em toda a sua extensão constitui a universidade" (2).

Esta é a posição da Universidade Alemã que, durante a primeira década do século XIX, com a fundação da Universidade de Berlim e tendo Wilhelmin von Humboldt como preceptor, afirmou-se no mundo das instituições universitárias com um conceito base de universidade.

A busca do conhecimento vai desde a codificação cumulativa das verdades já desvendadas pela humanidade até a produção de conhecimentos novos e aprofundamento das conquistas tecnológicas e científicas já obtidas, promovendo novas teorias.

Através da universidade, o conhecimento deixará de estar baseado no tempo e no espaço restritos, ligando-se a todas as partes do mundo. E a efetividade da universidade fará com que sua essência se realize, pois a mera essência, sem exteriorização, é estática e vazia.

A exteriorização da efetividade da universidade dar-se-á através das pesquisas, das aulas, dos relatórios, das publicações, dos debates e do convívio de mestres e alunos, e até do segredo das descobertas, bem como de múltiplos outros modos.

A pesquisa, estimulando a criatividade e a ousadia, desvenda os segredos das diversas maneiras de ver e interpretar o cotidiano, cria e explica teorias, além de ativar as potencialidades subjacentes do saber já atingido. A pesquisa cria o novo.

A aula tem sido a prática responsável pelo primeiro impulso do confronto entre a potencialidade do discípulo de receber o conteúdo da ciência já conhecida e o intelecto apto e aberto para a discussão.

Os relatórios possibilitam novas formas de expressão do saber transmitido. A eles unem-se as publicações expressas em livros, revistas, monografias e artigos. A elas juntam-se, hoje, os filmes, os slides, os softwares e inúmeros instrumentos, máquinas e equipamentos mecânicos e eletrônicos auxiliares do ato de reelaborar o saber e possibilitar a descoberta do novo.

Os debates geram o confronto das teorias e a reflexão individual e grupal apresentando-se como uma das mais importantes formas de o saber se abrir e ser aberto para as inovações.

O convívio de mestres e discípulos estimula uma certa cumplicidade no desvendar os segredos do desconhecido e na partilha do conhecido.

A necessidade de garantir o bem-estar da própria humanidade exige, por vezes, da pesquisa universitária, o segredo das descobertas científicas. Tais segredos provocam influências marcantes no comportamento humano, determinando opções de novos estudos e de outras pesquisas, sempre mais avançadas.

A universidade, dessa forma, em suas múltiplas facetas, exterioriza-se realizando a tarefa de construção, no interior da sociedade, do indivíduo sujeito mais racional e mais universal.

A universidade verdadeira de nossos dias, que tenha como conteúdo primeiro a preocupação com a adequação ao saber e a pretensão de formar indivíduos-sujeitos com a condição livres diante da ciência e da tecnologia, há procurar objetivar-se como realizadora do seu próprio conceito e do conceito de homem.

2 – GRANDES UNIVERSIDADES DO MUNDO OCIDENTAL

Da reflexão sobre o conceito simples de universidade, entendido como comunidade de mestres e discípulos que buscam o conhecimento pela pesquisa e o difundem pelo ensino e pela extensão, surgiu a motivação para uma rápida análise de alguns modelos de instituições universitárias do ocidente.

Tomou-se, por base, a identificação e a compreensão do conceito de cada uma delas e a forma prática como se puseram no mundo da ciência.

A escolha recaiu sobre quatro modelos relevantes de universidades que se distinguiram pela influência que tiveram nos rumos do progresso tecnológico e no direcionamento das ações da educação e da própria ciência. São: a Universidade Alemã de Wilhelm Von Humboldt, a Universidade Inglesa de Newman, a Universidade Americana de Whitehead e a Universidade Francesa de Napoleão.

A presença e a atuação dessas universidades determinaram, freqüentemente, o direcionamento do fluxo das pesquisas e do progresso, na tentativa de resolver questões básicas que, há muito, suscitam o interesse e a atenção da humanidade. As questões básicas têm no problema do saber e do conhecimento seu ponto inicial.

As instituições universitárias, aqui discutidas, pautaram suas ações e programaram suas atividades objetivando sempre o científico e a ciência, ora entendidos como

"a consecução de um saber abstrato, geral, que abarcasse todos os saberes menores e permitisse a passagem de uma especialidade para outra, a qual daria, finalmente, em acesso ao conhecimento do mundo em sua totalidade"(3)

ora entendidos como algo que

"serve para resolver problemas" (4).

Apesar dos avanços da humanidade no campo do conhecimento, a ciência ainda não chegou a ser compreendida essencialmente como

"uma produção, uma transformação de "dados" de um campo específico numa linguagem sistemática e coerente, Tal como a produção material se "fragmenta" em milhares de produtos que atendem a carecimentos dos homens e se constitui na civilização material, na cultura material do presente, a ciência constrói igualmente mundos que constituem como obra a unidade em efetivação do homem com a natureza: "A unidade deles aparece como meio-termo entre ambos, como obra dos dois, como a realidade terceira à qual ambos se referem e na qual são um mas também como aquilo no qual eles se distinguem "(5).

A ciência, assim entendida, demitiza e destrói a concepção de uma possível totalidade unificável da verdade total, como possibilidade de ser atingida, fonte e origem de toda a verdade. A caminhada da humanidade, através dos séculos em busca do saber, fez com que outrora a teologia, depois a filosofia parecessem e fossem tidas como portadoras da possibilidade de conterem em si essa verdade total.

No século passado, à física e, no século XX, à biologia foram atribuídas tais potencialidades. Porém esse conceito de verdade total com uma lógica que possibilite alcançar o saber em sua totalidade, não tem existência possível. É logicamente impossível porque a ciência é uma construção contínua que se põe com potências sempre mais elevadas e sempre distintas.

Analogicamente, seria como a totalidade dos bens materiais que alguém possui e que quer possuir. Quanto mais bens se tem, mais rico de bens se é. Mas é impossível possuir todos os bens e a ninguém é atribuído o dever de possuí-los todos para dizer que vive em plenitude, ou que possui a totalidade deles.

No âmbito da ciência, quanto mais teorias se tem, mais se conhece a natureza, mais a humanidade domina a natureza. Porém não se atribui a ninguém, a nenhuma instituição, e nenhuma área específica o dever ou a possibilidade de conhecer ou englobar todas as teorias. Por meio das teorias que se sucedem e que geram novas teorias, compreende-se a caminhada que a humanidade fez através do saber. Pelo desvendar contínuo dos conhecimentos obtidos, compreende-se que as especializações vão deixando mais evidentes os limites do saber já atingido, abrindo novas potencialidades e maiores possibilidades para a pesquisa do que é desconhecido.

Tal atitude provoca a humanidade para que volte às áreas que domina e a partir daí continue a construir novas teorias geradoras de novos conhecimentos. Mas essa lógica não chega à totalidade, não proporciona a apreensão de um saber absoluto. É uma caminhada constante, construída com rupturas. A totalidade do saber não existe.

3 – A UNIVERSIDADE ALEMÃ DE WILHELM VON HUMBOLDT

A Universidade Alemã de Wilhelm Von Humboldt alicerçou-se na constatação de que uma das aspirações mais profundas da humanidade é conhecer, é atingir o saber, tanto no plano do indivíduo quanto no plano coletivo. Assim, ela desenvolveu um conceito de universidade que foi posto em execução a partir do início do século passado. Segundo K. Jaspers, Humboldt (1767-1835) procurou desenvolver a idéia básica da Universidade Alemã: "uma comunidade de mestres e alunos que buscam o conhecimento". O pressuposto dessa posição é que o saber traz em si a potencialidade de atender e de criar satisfações contínuas e renovadas para a sociedade e o indivíduo, no campo intelectual e material, com o desenvolvimento das mentes e o progresso tecnológico.

O objetivo primordial da Universidade de Von Humboldt é secundar a necessidade e a decisão da humanidade de querer atingir o saber.

Essa necessidade gera um direito, o qual gera o dever social de que esse direito se concretize na materialidade da vida dos cidadãos.

Essa procura do conhecimento reveste-se das características estimulantes da liberdade de investigação, impulsionando a vontade para o aprofundamento constante dos dados e teorias já atingidos.

Uma das características da busca do saber é o processo de descoberta e detecção dos limites inerentes a cada descoberta, além da coragem de aceitar que o limite, e a negação/superação da verdade desvendada provocam a continuidade do processo de construção, gerador de novas verdades que sucessivamente se sobrepõem, negando-se e sobressumindo-se.

Na ciência não houve e quase não há consciência disso. Ela se vê absoluta, infinita, linear!

A Universidade Alemã nasce sob o signo da física, que despontou como senhora absoluta entre as ciências do século XIX e como modelo acabado de atividade científica (6).

A opção pelo posicionamento científico exigiu que a pesquisa, na Universidade Alemã, assumisse posição de destaque, porque a ciência se apresentava como um conhecimento metodológico de conteúdo probatório e de validade geral, e porque o pensamento científico era compreendido como uma abertura do espírito à crítica (7).

A pesquisa da Universidade de Humboldt dedicou-se aos conhecimentos existentes, partindo das ciências conhecidas e dos fenômenos do cotidiano, tentando desvendar-lhes os segredos, as teorias e as potencialidades subjacentes.

As exigências das pesquisas tinham por finalidade estimular alunos e mestres para a aventura da vida intelectual. No entender de K.Jaspers,

"a universidade não poderia prosseguir na descoberta da verdade sem reconhecer a pesquisa científica como tarefa primeira e, portanto, tudo fazer para favorecer os trabalhos científicos de seus pesquisadores. Dois princípios a orientarão nesse caminho: a unidade do saber e a unidade da pesquisa e do ensino" (8).

A pesquisa organizou-se, então, como um rito que previa uma primeira fase de convivência de mestres pesquisadores com os alunos. Vivendo lado a lado, aos mestres cabia a obrigação de promover nos discípulos atitudes científicas em qualquer atividade intelectual desenvolvida.

A imposição de uma postura metodológica e científica na análise e no desempenho das ações de pesquisa constituiu um elemento fundamental do progresso tecnológico.

Após o período de iniciação e concomitante a ele surgiram múltiplos métodos de pesquisa em todas as áreas do saber que se enquadrariam às aptidões e interesses dos

pesquisadores, dos discípulos e da realidade econômica na qual estava inserida a universidade.

Dessa forma, a Universidade Alemã adequava a pesquisa ao ensino e o ensino à pesquisa promovendo além disso a formação de um homem adaptado e preparado para agir cientificamente.

Na concepção da Universidade Alemã, o ensino é compreendido como " processo de aprendizagem da atitude científica". O ensino faz com que alunos e mestres, isto é, pesquisadores e discípulos, ao trabalharem juntos, desenvolvam o próprio potencial intelectual.

O ensino só alcança os objetivos da aprendizagem se for conduzido num ambiente onde se desenvolva a pesquisa. Dessa forma, da perspectiva dos estudantes, o ensino verdadeiro só pode existir se vier ligado à pesquisa. Ela se apresenta como parte essencial do processo de aprendizagem. Se se analisar da perspectiva do mestre, o ensino, na concepção da Universidade Alemã, obriga a um trabalho didático totalmente envolto na atmosfera dos projetos de pesquisa. Esse posicionamento serviu de base aos defensores da Universidade Alemã que mostram que se o processo de aprendizagem dos estudantes tiver na pesquisa sua objetivação, além dela provocar nos discípulos uma constante preocupação científica, também favorecerá o financiamento das atividades didáticas da universidade por empresas e instituições preocupadas com a melhoria e o avanço tecnológico tanto de seus produtos finais quanto dos métodos para produzi-los.

O que parece evidente é que a Universidade Alemã posiciona-se pela unidade da pesquisa e do ensino. Jacques Dreze é enfático ao analisar essa questão vivenciada pela Universidade de von Humboldt.

"O princípio de unidade da pesquisa e do ensino, por iniciativa dos estudantes, dos professores e da instituição, é rica em consequências. Somente o pesquisador pode, verdadeiramente, ensinar: qualquer outro se limita a transmitir um pensa-

mento inerte, – mesmo se estiver pedagogicamente ordenado – em vez de comunicar a vida do pensamento''(9).

Para atingir seus objetivos e realizar seu conteúdo a Universidade de von Humboldt estruturou-se organizacionalmente em torno de quatro institutos básicos à época: filosofia, teologia, direito e medicina.

Na caminhada evolutiva da organização da instituição, foram as exigências da especialização e da diversificação das disciplinas que forçaram a universidade a mudar e atualizar continuamente seus esquemas organizacionais.

Evidentemente que a Universidade Alemã, devido a fatores conjunturais, atendeu a particularismos e demandas de caráter técnico-receitual. O setor industrial, o setor militar, o aparecimento de elites que põem no status social sua forma de se impor na sociedade, agiram e pressionaram os rumos da instituição universitária alemã.

A universidade, inserida no contexto das relações sociais do país, precisou atender aos sistemas e às demandas, mas pela presença de grandes mestres que cultivaram a racionalidade objetiva, pôde enfrentar graves conflitos gerados pelas opções políticas do país e influenciar as grandes universidades do mundo, principalmente dos Estados Unidos da América e da Inglaterra.

Na contínua marcha de adaptação às exigências e aos avanços da ciência, da tecnologia e da sociedade, Karl Jaspers, continuador e analista da obra de von Humboldt, na segunda década do século XX, chamou a atenção para a necessidade de uma redefinição da universidade.

Mas essa redefinição não atingiu seu conteúdo básico e, sim, as formas de realização deste conteúdo. O núcleo conceitual foi preservado: "instituição de pesquisa de mestres e discípulos".

As grandes mudanças e a adaptação aos novos carecimentos, exigidas pela sociedade, deverão produzir-se em volta desse núcleo central que caracteriza e identifica a Universidade Alemã de von Humboldt (10).

4 – A UNIVERSIDADE INGLESA DE NEWMAN

Com relevante presença no mundo ocidental, a Universidade Inglesa foi, durante séculos, reconhecida como instituição eficaz, no exercício da função educativa formadora de personalidades.

Principalmente Oxford, Cambridge são universidades que se impuseram por seus métodos, programas e capacidade de formar tipos definidos de pessoas.

Mas, ao se fazer uma opção de análise de instituições universitárias dos últimos séculos, escolheu-se a Universidade Inglesa de Newman. John Henry Cardeal Newman, (1801-1890), célebre filósofo e educador inglês que, com sua obra "The idea of a University" posicionou-se com clareza quanto ao tema, é personagem marcante no mundo dos estudos evolutivos das universidades do ocidente.

Newman definiu a universidade como "um lugar de ensino do saber universal" (11), fruto da exigência natural da aspiração do homem ao conhecimento.

Ao tentar, porém, formular um conceito de universidade, não consegue passar de uma representação ao afirmar ser a universidade "um lugar". Ele a torna simplesmente um ponto de encontro. Afirmar que a universidade é um lugar, é defini-la como espaço de mera agregação onde pode acontecer que os professores não tenham tanta importância quanto os grupos dos alunos se encontrando, conversando e debatendo sua própria cultura.

A noção de espaço, usada para definir uma instituição universitária, fragiliza a possibilidade do surgimento de uma entidade que, de acordo com o próprio pensamento de Newman deveria satisfazer, no ser humano, a aspiração ao saber.

É do contexto das afirmações de Newman que se depreende que a universidade é

"um lugar de ensino do saber universal" e que "isso implica que seu objetivo seja... a difusão e a extensão do saber antes que seu avanço. Se a universidade

tivesse por objetivo a descoberta científica e filosófica, não vejo por que ela devesse ter estudantes'' (12).

Tal posicionamento de Newman é melhor compreendido quando se conhece sua grande preocupação pela educação e pela formação de um tipo de homem específico que o Império Britânico tinha necessidade de formar: educar era formar o "gentleman". Diz Newman, caracterizando o homem a ser moldado:

"É bom ser um "gentleman", ter uma inteligência cultivada, um gosto refinado, um espírito leal, justo e sereno, uma conduta nobre e cortês. Tais são as qualidades que se acompanham naturalmente, de um vasto saber. Elas são o objetivo de uma universidade'' (13).

Assim, a universidade para Newman é uma instituição de elite ampla, com essa função precípua de formar o "gentleman". Mas a experiência demonstrou, ao longo do tempo, que o "gentleman" não foi um produtor de idéias novas. De certa forma, ele só aprende e só considera, a instrução que lhe é dada. Só valoriza o estabelecido e o que é bem claro e seguro.

O "gentleman", nunca se tornará um explorador de idéias, um descobridor, um pesquisador e jamais fará avançar a ciência e a tecnologia. Ele não é contra os avanços da ciência e da técnica, mas não considera como sua, a função de fazê-las progredir. Por causa disso, a Universidade de Newman traz em si uma certa marca de conservadorismo.

Se, na análise, se tem em consideração a época vivida por Newman, entende-se melhor o porquê de ter ele limitado a universidade a uma mera agregação de alunos e de disciplinas.

A primeira edição de seu livro é de 1852 e nele está expresso seu pensamento central sobre as questões: universidade, formação e educação. A universidade dele consagra o que

já existia á época. É uma instituição sem pesquisa, encarregada e preocupada com a formação dessa elite ampla que o Reino Unido necessitava.

A Inglaterra carecia do "gentleman" como líder, como administrador, responsável pela manutenção do império político britânico. Os ingleses dominavam grande parte do mundo: passando pela China, Índia, por extensas regiões africanas e asiáticas. Muitos dependiam do reino inglês e essa dependência tornava urgente a formação de elementos que se aprimorassem na arte das relações humanas e pudessem lidar com reis, imperadores, líderes e povos de outras terras.

A universidade, então, orientada para tais carecimentos, formava o administrador do império. E fazia isso de maneira rija, disciplinada, quase eclesiástica. Ela norteava a educação para a arte da política.

Com certeza, a Inglaterra da metade do século XIX ainda não sofria, de modo intenso, o fluxo e a pressão da ciência e da tecnologia advindos da revolução industrial, já materialmente presente. Começava, porém, a ficar evidente, que não é possível aprofundar a ciência só através do ensino e do debate do conhecimento anteriormente atingido.

Um grande "college" como é, em síntese, a proposta de Newman, não promove a inovação da ciência. O "college" é, antes de tudo, repetidor do que já existe, do que já foi dito. Por outro lado, a ciência só avança através da pesquisa e do distanciamento do imediato.

A estrutura organizativa da instituição universitária idealizada, descrita e implantada por Newman tomou formas facilitadoras do atingimento dos objetivos e dos fins propostos.

Imprescindível para isso um eficiente sistema residencial e a presença vigilante dos "tutors".

Nisso Newman é dogmático:

"se eu devesse escolher entre uma pretensa universidade sem regime de internato nem regime de "tutors", a qual concederia seus diplomas a toda pessoa aprovada em um exame sobre matérias variadíssimas e uma universidade sem professores, sem exames, que se contentasse em fazer coabitar jovens, durante três ou quatro anos, antes de sua partida para a vida... – eu preferiria, sem hesitação, a universidade que não fizesse nada, àquela que exigisse de seus estudantes o conhecimento de todas as ciências existentes" (14).

Tal afirmação é muito coerente com sua proposta inicial de universidade como "lugar de ensino do saber universal".

E conclui:

"Quando se reúnem para trocas livres, jovens bem dispostos, abertos, ávidos e observadores como o são os jovens, eles não podem deixar de aprender no contato, uns com os outros, mesmo na ausência de professores. A conversa de todos é uma série de cursos para cada um; eles adquirem para si próprios, no dia a dia, idéias e pontos de vista novos, matéria nova para reflexão, princípios de julgamento e de ação" (15).

Dentro da compreensão do que seja a formação do "gentleman" e do enfoque do ensino, a universidade inglesa de Newman deu notável contribuição às formas organizativas das escolas do mundo ocidental, apesar de se reconhecer que falta a ela visão da universidade como entidade de pesquisa a impulsionar a humanidade para o progresso e o desenvolvimento.

Quando Newman, falando do ensino-aprendizagem, afirma que o ambiente de estudo que deve ser proporcionado pela estrutura organizacional da instituição cria

"uma atmosfera de pensamento puro e claro, que o estudante respira também, ainda que ele próprio se prenda somente a algumas disciplinas entre muitas" (16),

parece querer expressar, exatamente, a idéia de que tanto o discípulo precisa conhecer o cerne, o básico da disciplina que estuda, quanto precisa viver num ambiente escolar de mútuo respeito.

O direcionamento e a organização da Universidade Inglesa, através de mecanismo administrativos, deram essa tonalidade de seriedade a todo o trabalho realizado pela Universidade de Newman.

A organização universitária, equacionada à realidade, criou os meios para que pudesse ser promovida a orientação que oportunizou a realização prática dos objetivos e propostas do educador.

5 – A UNIVERSIDADE AMERICANA DE WHITEHEAD

A Universidade Americana teve em Alfred North Whitehead (1861 – 1947) um analista competente que viveu grande parte da vida em Cambridge na Inglaterra e depois transferiu-se para Harvard nos Estados Unidos.

Whitehead escreve sobre universidade no momento em que Harvard iniciava sua expansão através da aprovação e implantação de uma Escola de Ciências Econômicas.

Ele expressa a preocupação de que a universidade, adentrando essa área específica do conhecimento humano, não deixe de preservar sua adequação aos tempos e às circunstâncias da vida americana e mundial.

Tece elogios contínuos à imaginação criativa como instrumento de transformação do conhecimento humano em atividades e atitudes concretas e excitantes que propiciem à humanidade o prazer de trilhar o caminho do progresso.

A aspiração da humanidade ao progresso é o ponto de partida da explicitação da concepção da Universidade de Whitehead. Diz ele:

"... as universidades constituem os meios principais para a fusão de atividades progressistas em instrumentos efetivos de progresso. Naturalmente, (as universidades) não são os únicos meios, mas é um fato de que, hoje em dia, as nações progressistas são aquelas nas quais florescem as universidades" (17).

Whitehead considera o progresso como uma visão intelectual que se tenha de um novo mundo, onde a vida é preservada pelo gosto de viver e onde subsiste uma sociedade que tem por finalidade as satisfações da própria vida.

Nessa sociedade a produção de bens gera o conforto que proporciona aos homens o bem-estar e o prazer da aventura intelectual. O progresso é, então, esse dinamismo de

vida econômica e social que promove e provoca contínuas mudanças, em todos os níveis do existir humano, construindo-se sempre em planos mais elevados.

O fluxo dos carecimentos, uma vez preenchidos pela tecnologia e pela ciência, cria imediatamente novos carecimentos, promotores da construção de novas e contínuas mutações. O suceder-se inextinguível de carecimentos e plenificações é a produção do progresso, o qual é fruto, em parte, da ação da universidade.

O núcleo conceitual da universidade para Whitehead é assim expresso:...

"as universidades são escolas de ensino e de pesquisa. Mas a razão principal de sua existência não se encontra no mero conhecimento que transmitem aos estudantes ou nas meras oportunidades de pesquisa que proporcionam aos membros da faculdade... a justificativa para uma universidade é que ela preserva a conexão entre o conhecimento e o gosto pela vida, unindo jovens e velhos na causa imaginativa do ensino" (18).

"Ou a universidade é imaginativa ou não é nada - pelo menos nada de útil" (19).

Na verdade, a objetividade, a racionalidade objetiva está mais na prática americana do que no discurso. É por isso que a Universidade de Whitehead, americana, está muito mais próxima da Universidade Alemã de von Humboldt, que conceituou a universidade como uma comunidade de alunos e mestres que pesquisam. Em compensação, a universidade americana é mais aberta a todos.

Ao comentar a questão da universidade nos Estados Unidos, Whitehead faz imediata ligação à história do povo americano: quem ele é?... de onde veio?... que motivos o trouxe ao novo continente?... e põe na objetividade e na imaginatividade dos antepassados ingleses, transformados nos modernos americanos, a força impulsionadora do desenvolvimento e do progresso da nação.

É também nesse contexto de apologia da imaginação e da criatividade que fala da função educativa da universidade:

"a razão de ser da universidade, do ponto de vista educacional, é colocar os jovens sob a influência intelectual de um grupo de estudiosos imaginativos" (20). "... a função apropriada da universidade é a aquisição imaginativa de conhecimentos" (21).

Na proposta da estruturação organizacional da universidade americana, juntamente com a preocupação da preservação da democracia, e o cuidado de possibilitar a abertura e o acesso a todo o cidadão que a queira frequentar, ele insiste na presença da imaginação como fonte norteadora das funções da instituição.

"Toda a arte na organização de uma universidade está em proporcionar uma faculdade cujo ensino seja iluminado pela imaginação" (22).

Faz parte ainda da responsabilidade de quem estrutura organizacionalmente uma universidade, preocupar-se com a necessidade de estimular o auxílio mútuo entre os estudantes, além de incentivar a participação deles nas diversas atividades da instituição. Se, por um lado é imprescindível a disciplina como elemento formador do educando, o uso da autoridade moderada e moderadora não é em nada atrofiadora da imaginatividade da juventude.

A busca incessante do equilíbrio das relações na instituição universitária, tendo por base o pensamento liberal, possibilita o surgimento de inúmeros interesses que se revelam de múltiplas formas.

A universidade afigura-se a Whitehead como uma instituição que pode ajudar a conduzir a humanidade a equilibrar interesses múltiplos e a constituir um modelo ético facilitador da concretização do novo mundo.

Ainda, segundo Whitehead, deverá haver uma preocupação com a ética, que há de ser debatida e inculcada na universidade, criando a disciplina do caráter.

É essa disciplina que haverá de tornar a convivência humana organizada e respeitadora dos limites do homem e da natureza.

A função educativa da universidade há de organizar suas rotinas administrativas para desenvolver a arte de utilizar os conhecimentos e a cultura com vistas a tornar harmoniosa a convivência humana, diz o educador anglo-americano.

Whitehead mostra que a vida da nação americana é afetada ou pelo funcionamento ou pela disfunção das universidades. E tenta provar essa posição expressando, inclusive, preocupações referentes a uma possível desorganização das universidades, forçadas pelo fluxo das relações sociais a se adaptarem às urgências da sociedade que exigem delas abertura às idéias, à massa dos cidadãos que buscam cultura e à administração moderna.

Para Whitehead, a universidade, ao mesmo tempo que está inserida na sociedade, deve cultivar a independência frente ao Estado. Ela não pode nunca ser uma unidade alheia à realidade que a circunda, nem fechada em sua torre de marfim. Organizada em faculdades e atendendo pelo ensino e pela pesquisa às especificidades das múltiplas áreas do conhecimento humano, não é o centro em volta do qual gravita a sociedade, mas é um dos múltiplos elementos responsáveis e importantes na consecução do desenvolvimento e do progresso das nações.

6 – A UNIVERSIDADE FRANCESA DE NAPOLEÃO

A universidade francesa napoleônica, pela análise e interpretação dos escritos do próprio Napoleão Bonaparte (1769 - 1821) e de estudiosos, nasceu para ser uma corporação responsável pela ordem social do país. E deveria reger-se por uma disciplina rija do ponto de vista da hierarquia, utilizando como método, uma orientação dogmática, quase eclesiástica.

Napoleão pretendia que a universidade formasse o "francês", com "habitus" próprio: um tipo de homem característico, com um protótipo bem definido.

O ponto de partida do direcionamento proposto pelo imperador era a necessidade de organizar a nação, formar um povo nacionalmente consciente e orgulhoso dessa nacionalidade. À universidade coube papel importante nessa tarefa de plasmar a mente do francês, através da educação. Napoleão assim se expressa:

"Serviço Público do Estado, a universidade imperial é ideologicamente subjugada ao poder e se vê assumindo a função geral de conservação da ordem social pela difusão de uma doutrina comum" (23).

Tendo, portanto, esse alicerce, fica evidenciado que o imperador e seus assessores propõem à universidade uma tarefa comportamental bem específica.

Se a Universidade Alemã, a Inglesa e a Americana buscaram seu conceito básico na aspiração do homem ao saber e ao progresso, a Universidade Francesa recebeu de seus idealizadores uma determinação fática, direta, específica: forjar um tipo de homem patriótico, singular:

"será formada sob o nome de universidade imperial uma corporação encarregada exclusivamente do ensino e da educação pública em todo o império" (24).

Assim, o conceito da universidade implementada por Napoleão é o de uma corporação encarregada de impor uma mentalidade conservadora da ordem social no país, com o objetivo de cultivar uma unicidade de pensar e agir, de formar uma nação.

De fato, sobressai na Universidade de Napoleão, o papel primordial da organização. É através das expressões do próprio Napoleão que se vislumbra a preocupação pela estruturação organizativa da universidade com orientações claras e precisas:...

"em geral, organizei a universidade como uma corporação porque uma corporação não morre nunca e porque existe transmissão de organização, de administração e de espírito. Atribuí-lhe a formação e a vigilância das escolas secundárias, dos colégios e dos ginásios... seria necessário que uma corporação de professores fosse encarregada dessa empresa que, logo que deixasse de ser mantida nos sentimentos e nos caminhos de uma boa organização, perderia o crédito rapidamente" (25).

Algumas características da Universidade Francesa de Napoleão têm sua origem quer no fundo autoritário que ditava todo o procedimento do imperador quer na caserna por ele longamente vivenciada e ainda nas regras eclesiásticas rígidas e dogmáticas da Igreja Católica Romana que lhe fazia frente. Pelo uso da autoridade ele pretendeu incrementar a ordem:

"... quero que os membros do corpo docente assumam, não um compromisso civil, diante de um tabelião ou de um juiz, ou do prefeito ou de outra pessoa; eles se engajarão por três, seis ou nove anos, não podendo ir embora sem avisar, previamente, com um determinado número de anos de antecedência. Eles desposarão a instituição como seus antepassados desposaram a Igreja, com a única diferença de que esse casamento não será tão sagrado, nem tão indissolúvel.

Quero, entretanto, que se ponha alguma solenidade nesta tomada de hábito, denominando-a com outro nome'' (26).

Da prática da caserna ele copiou o modelo disciplinar, o universalismo contra particularismos ou caprichos de grupos ou pessoais:

"quero uma corporação de professores que esteja ao abrigo das pequenas febres da moda; uma corporação que marche sempre, quando o governo cochila; uma corporação cuja administração e estatutos se tornem de tal maneira nacionais que não se possa jamais tentar, levianamente, transformá-la'' (27).

Finalmente, do modelo eclesiástico, Napoleão imitou a administração centralizada e centralizadora. Como centro das decisões, à autoridade do imperador era exercida com eficiência. Toda a orientação deveria ter a garantia da chancela imperial. Foi esse centralismo que gerou a subordinação à autoridade e, frequentemente, embotou a iniciativa e a criatividade. Tal centralização e subordinação são características do estilo e do modelo napoleônico de universidade.

O modelo centralizado difundiu-se em muitas universidades do mundo, principalmente naqueles países em que a influência francesa se fez sentir mais fortemente. É o caso do Brasil que adotou um modelo centralizado para todo o sistema educacional. "La France'', um dia, centro da intelectualidade do ocidente, deixou influências profundas principalmente nos países de origem latina. À guisa de observação que mereceria detalhamento e estudo comprobatório, pode-se citar a forma, como no Brasil, a educação está organizada: um Ministério da Educação comandando todo o sistema, desde os currículos das universidades até os créditos, os diplomas, os horários, as menções. É o domínio imperial da cultura do funcionário.

Pode-se afirmar que é a presença da idéia napoleônica de educação e de universidade vigindo em nosso meio, que produziu uma burocracia centralizador a que está a exigir uma

reflexão profunda sobre o conceito básico da universidade e isso deverá gerar a modernização de suas formas organizacionais e administrativas.

7 – UMA UNIVERSIDADE QUE NASCE

7.1 – O HISTÓRICO

No momento em que o fluxo da moderna ciência e tecnologia, por volta dos anos 70, começou a invadir o Centro-Oeste Catarinense, aportou com elas a necessidade de que aparecesse alguma instituição que se preocupasse com o saber. Surgiram entidades de Ensino Superior nas cidades de Chapecó, Caçador, Videira, Joaçaba, Concórdia e outras, todas preocupadas com a instrução e a capacitação para o trabalho dos jovens e adultos da região. Foram as Fundações Educacionais instituídas à época pelos municípios dessas diversas cidades-pólo.

Tais instituições de ensino estruturaram-se inicialmente como Faculdades Isoladas que cresceram, incentivadas por uma certa rivalidade e concorrência entre essas cidades e se solidificaram.

O ensino apresentava-se como uma das exigências maiores da região. Isso se impunha, de um lado, como uma espécie de despertar das classes em ascensão e, de outro, como exigência causada pelo fechamento conjuntural da pequena economia familiar, habituada ao sistema organizacional hereditário com a transmissão das responsabilidades empresariais passando de pai para filho.

Esses e outros fatores aguçaram a intuição de que uma das primeiras alternativas do desenvolvimento sócio-econômico e cultural de uma população se dá pela procura do conhecimento já acumulado pela humanidade para, a partir dele, ampliar a visão de mundo e buscar o novo.

Os cursos que as Faculdades ofereciam eram da área da economia, administração, ciências contábeis, abrindo-se, logo a seguir, para a preparação para o magistério.

As mudanças da economia do país, à época, orientavam para ações e iniciativas que visassem a qualificação do trabalhador para os setores produtivos e de serviços da região, abrangendo cidadãos de todas as faixas etárias.

Na medida em que tais instituições de ensino cumpriam os objetivos de transmitir o conhecimento, adequando-se às exigências da realidade, novas urgências e desafios começaram a ser sentidos, gerados pelo desenvolvimento científico e tecnológico.

Era o progresso dos setores primário, secundário e terciário da economia regional, com a implantação dos complexos industriais, que criavam esses novos imperativos.

No entanto, quer a falta de uma análise mais profunda da realidade, quer a desatenção à evolução do mundo que as circundava, quer a pressão do governo para que as Faculdades não aumentassem o preço das anuidades, tudo isso fazia com que as Fundações Educacionais ou não percebessem, ou percebendo, não advertissem para o fato de que iam ficando obsoletas quanto aos métodos e modelos administrativos e quanto aos conteúdos didático-pedagógicos empregados.

As inovadoras propostas e exigências da tecnologia e da ciência para a região, muitas vezes não encontravam na administração dessas instituições de ensino a ressonância necessária para fazê-las progredir na direção de uma pesquisa mais ousada.

Por isso, envoltas nessa dinâmica ambiental mas sem entenderem a realidade que as circundava, permaneciam, em parte, inadequadas aos anseios e aos ditames da realidade.

Essa inadequação não queria dizer indiferença, porque, na ânsia de adaptação e até mesmo na luta pela própria sobrevivência, elas buscavam formas de compensar uma obsolescência que era diagnosticada, mas cuja causa não era identificada.

Foi, por isso, que surgiram, no nível interno e externo das instituições, tímidas linhas de pesquisa e frágeis iniciativas visando expandir alguns serviços de extensão de conhecimentos e esforços para encontrar novos instrumentos de atendimento à população, pela atualização de métodos e técnicas de transmissão do saber, e pela implantação de alguns serviços de assessoria a empresas e entidades públicas.

Transcorreram quase duas décadas desde a implantação dessas Fundações Educacionais. Os novos imperativos sócio-econômicos dos anos 80, projetando os anos 90 e o século XXI evidenciavam e apontavam para o aparecimento de uma nova instituição aglutinadora do saber. O sistema de produção e de serviços e os ordenamentos do mercado interno e externo necessitavam de expansão e aprimoramento e forçavam o aparecimento dessa instituição nova.

A necessidade de uma entidade que buscasse a pesquisa afirmava-se e afirma-se como demanda imprescindível à evolução dos parques industriais e da multiplicidade de serviços implantados na região.

As Fundações Educacionais do médio e do extremo Oeste Catarinense foram envolvidas de forma contundente para colaborarem na solução desse apelo. Por isso, as três cidades-pólo de Chapecó, Videira e Joaçaba se uniram na perspectiva da criação de uma universidade: a Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, da mesma forma que Caçador, Concórdia, Curitibanos, Mafra, Canoinhas foram compelidas a se unirem e formaram outra universidade: a do Contestado.

Ao tratar do nascimento da UNOESC, fica evidenciado seu surgimento, como proveniente do conjunto imperioso dos carecimentos e urgências dos segmentos mais evoluídos da economia regional do Oeste de Santa Catarina. Além disso, seu aparecimento reafirma a natureza histórica do indivíduo enquanto ser que se põe no mundo e que pelo conhecimento, pela razão, quer afirmar-se como sujeito potencial para ser indivíduo e para dominar a natureza.

Mesmo imerso no processo de alienação do sistema de produção atual, o homem catarinense do Oeste já não é mais regional. Ele vive as vicissitudes do homem moderno que se universaliza. O produto de seu trabalho agrícola, industrial, comercial e de serviços, freqüentemente, tem seus preços e sua avaliação determinados pelas Bolsas de Valores das grandes metrópoles americanas, européias e asiáticas.

Isso acontece com a soja, o milho, o trigo, o frango e produtos manufaturados, industrializados e trabalhados na região que sofrem o fluxo das Bolsas de Mercadoria das grandes potências comandantes e determinadoras dos rumos do mercado mundial.

Nesse ritmo, o trabalhador do Oeste Catarinense universaliza-se também no momento em que o produto de seu trabalho é consumido no comércio internacional dos países dos cinco continentes.

Ele não é mais um homem-trabalhador acantonado em seu reduto de relações primárias, mas é um indivíduo que se vai pondo em sua universalidade através de seu trabalho e se planetariza pela comunicação "intelsat".

A formação das novas gerações e a evolução de sua produção exigem superação das maneiras antigas de enfrentar as situações e as circunstâncias do momento, pois, em geral, são formas que se tornaram antiquadas e conduzem a um velho mundo que, a cada instante, está sendo ultrapassado.

É por isso que vão surgindo novos modos de vencer as atuais formas de produção e de vida, construídas pelas gerações passadas. Não há nisso uma referência de repúdio ou rejeição às formas existentes de vida e produção, mas uma negação necessária à afirmação do progresso que se põe.

A contribuição das gerações passadas, que trabalharam no Oeste de Santa Catarina, é o elo da corrente do progresso que proporcionará às novas gerações maneiras de vencer os desafios e otimizar a própria vida.

A UNOESC deverá assumir o ônus da coordenação construtiva dos conhecimentos necessários para debelar os desafios que se apresentam às gerações do presente e do futuro.

O que propicia a exigência da universidade são os interesses mais amplos nos quais os habitantes do Oeste Catarinense vão imergindo, no plano mundial, sem que a região esqueça seus particularismos e suas peculiaridades.

Isso significa que, com o progresso da tecnologia e da ciência, a UNOESC e as outras instituições da região deverão criar conhecimentos novos e específicos, que respondam às urgências e emergências da vida econômica e social dessa parte do país.

Grande parte da tecnologia usada pelos complexos agroindustriais da região é importada, tanto de outros estados do país, como do exterior.

Mais do que nunca torna-se evidente que a exploração agrícola, a criação de animais, devem ter uma adequação perfeita ao clima, ao solo, ao meio ambiental no qual são implantadas. Tal adequação não se restringe ao fator produtividade, mas liga a produção a outros fatores de mercado, de ambiente, de organização, de genética e daí por diante.

Sementes, por exemplo, produzidas num determinado clima, sob tecnologia específica, são inadequadas para serem plantadas em outro ambiente climático, com outra tecnologia, mesmo de reconhecida ousadia e avanço.

Aquilo que se afirma para a agronomia, para a pecuária, pode ser generalizado para outros tipos de exploração. Mesmo a área industrial, de comércio e de serviços tem suas peculiaridades regionais. É nesse contexto que se ousa afirmar que a UNOESC surge como coordenação e dinamização de linhas de pesquisa que contribuam para o desenvolvimento regional.

Não se fala aqui de uma universidade posta no Oeste Catarinense como um simples instrumento de resolução de problemas referentes ao progresso material da região. Não. A UNOESC que se projeta é uma organização que "garante a formação de sujeitos capazes de atuar construtiva e livremente" (28).

É por isso que se diz que, em 1991-1992, a UNOESC nasce com a função definida por seu conceito-básico: "comunidade de pesquisadores e alunos em busca do conhecimento".

A UNOESC não é, nem precisa ser o centro ao redor do qual vai gravitar todo o progresso da região. Não. Ela deve cultivar sua independência e uma identidade que a torne reconhecida como instituição imprescindível à expansão e à descoberta de conheci-

mentos novos. E mais, é importante que o conhecimento atinja a todos os habitantes da região, como elemento implementador da possibilidade de todos utilizarem a liberdade para entenderem a linguagem da ciência e a evolução da tecnologia.

A potencialidade produtiva do Oeste formada por quase 100 municípios, representando quase 30% da área do Estado de Santa Catarina e uma população superior a um milhão e quinhentos mil habitantes, precisa da UNOESC adequada, não para que os indivíduos da região se regionalizem, mas para que eles se universalizem cada vez mais.

A indústria da erva-mate, os complexos agroindustriais de alimentos, a indústria moveleira, a de metal/mecânica e todos os setores produtivos estão sempre carentes de novos avanços. Em especial, vale lembrar os chamados "sistemas integrados" que são o conjunto de agricultores responsáveis pela elaboração da matéria-prima usada pelo parque industrial de alimentos. Esses agricultores-parceiros, que formam os "sistemas integrados" com as indústrias, precisam de constantes subsídios que auxiliem as análises econômicas e mostrem os pontos de equilíbrio e desequilíbrio de créditos e débitos, de produção e mercado, de ambiente e ecossistema. Necessitam urgentemente de inovação nas técnicas de produtividade, administração e na área jurídica.

Os serviços cada vez mais presentes e atuantes na sociedade requerem tecnologia sempre mais primorosa na aferição da eficiência dos seus resultados. A excelência dos resultados é evidenciada pela satisfação dos usuários dos serviços e isso cria um desafio constante à pesquisa.

O comércio da região, para sair de suas formas tradicionais, abre um amplo espectro ávido de novas perspectivas de eficiência e eficácia precisando de instrumentos de renovação que poderão ser fornecidos pela pesquisa e pelo marketing.

O MERCOSUL, com suas antíteses, vai se impondo irreversivelmente e exigindo mais estudos, mais experiências, mais pesquisa para se evitar desequilíbrios e danos para os setores nele envolvidos.

Evidencia-se, pois, que é a racionalidade objetiva que impõe ao Oeste Catarinense a modernização, a inovação tecnológica, a procura de soluções avançadas, como resposta aos problemas do progresso e como possibilidade de otimização do potencial intelectual da população.

Caso a UNOESC não seja a propulsora dessas exigências da realidade, o ambiente mesmo haverá de gerar outra entidade que responda aos anseios da procura de modernos conhecimentos que o sistema de produção da região está a reclamar.

7.2 - O CONCEITO

A UNOESC, em seu PROJETO DE UNIVERSIDADE apresentado ao Conselho Federal de Educação, procurou explicitar os fundamentos do conceito básico sobre o qual pretende se pautar:

"A Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, define-se como uma instituição educacional multicampi que emerge das exigências tecnológicas e educacionais da região, com o objetivo de participar do desenvolvimento do Oeste Catarinense", mediante a produção de novos conhecimentos e ensino de excelência".

"A constituição da UNOESC deu-se pela agregação cooperativa de três Fundações Educacionais, localizadas em cidades-pólo, com a função básica de ser entidade comunitária, implementadora de ensino, pesquisa e extensão" (29).

Ao tentar uma explicitação do conceito que a constitui, a UNOESC não pôde deixar de se conduzir pelos moldes jurídicos dos atuais órgãos governamentais gerenciadores das decisões que possibilitam o funcionamento de novas universidades. Uma instituição, ou várias instituições, como é o caso, que querem se erigir em universidade, são submetidas a um estrito e rígido esquema legal de análise, instituído pelo Conselho Federal de Educação e pelo Ministério da Educação. Isso, freqüentemente, impossibilita projetar o novo, o atual e o inovador. Todo o processo legal deve se submeter aos ditames, aos parâmetros e ao linguajar, muitas vezes ultrapassado de uma legislação nem sempre adequada aos avanços da ciência e do saber. É o domínio da burocracia, com as características napoleônicas da universidade brasileira.

Assim, a equipe constituída pelas três fundações, encarregada da elaboração do Projeto da UNOESC, viu-se tolhida e impossibilitada de expressar, de maneira clara e

objetiva, o conceito-base que norteou toda reflexão, em torno da qual, a nova universidade multicampi é concebida: instituição assentada sobre a pesquisa de mestres e discípulos, em busca do conhecimento e da abertura para a amplidão do mundo. Uma universidade concebida em termos de construção, que se afirma como necessária no contexto social e se constrói a partir das exigências desse meio no qual nasce.

Mesmo tendo presente e reconhecendo que a caminhada inicial das Fundações Educacionais do Oeste foi feita alicerçada no ensino, como aparente necessidade da realidade sócio-econômica e cultural da região, ficou evidente à equipe do Projeto de Universidade, que a universalização do saber se dá pela busca de novos saberes, conquistados e desvendados pela pesquisa. É a esses conhecimentos novos que se devem agregar os saberes já existentes, acervo a ser difundido pelo ensino e pela extensão.

Ensino, concebido como a forma científica de transmissão do saber, revelado e posto ao alcance dos indivíduos. E extensão, entendida como a forma de "ex-tendere", "de tender para fora", numa atitude de ir em socorro ou em auxílio de alguém ou de alguma coisa, por solicitação ou espontaneamente, para depois voltar ao próprio ambiente e refletir sobre os desafios lá encontrados e sobre as fórmulas de solucioná-los.

São as carências diagnosticadas nos diversos segmentos produtivos da agropecuária da região, da agroindústria, da metalmecânica, das áreas de comércio e serviço que vão criar os novos parâmetros e variáveis que farão com que os limites da tecnologia, da ciência e do saber já atingidos, sejam ultrapassados por uma pesquisa adequada. O limite é sempre o elemento determinante da busca das novas condições de superação. A necessidade de ultrapassar o limite é que instiga a procura da teoria inovadora que irá projetar a moderna ciência, a tecnologia mais eficiente, e a originalidade de saberes novos.

O que há de tornar a UNOESC uma instituição universitária com foros de universalidade adequada à realidade é a coerência entre o que será planejado e programado e o conceito-base efetivo da universidade.

Há entre os elementos da equipe encarregada de instituí-la legalmente a firme convicção de que é através do cultivo dessa idéia mestra que a UNOESC terá sua congruência interna e o parâmetro da adequação constante à congruência do ambiente no qual se desenvolve. E mais, a atualização e a correção de seus rumos dar-se-ão constante e conseqüentemente, não pela submissão a uma idéia qualquer superveniente, mas ao balizamento a seu conceito-base, norteador de toda a decisão a ser tomada.

Na definição da UNOESC sobressai ainda, como elemento relevante, o compromisso com o desenvolvimento da região. A UNOESC pauta-se pela universalidade. Se a existência dela decorre da imposição dos carecimentos da realidade regional e se tais carecimentos é que a potencializam, nela acontece e deverá acontecer, tanto a universalização da região, quanto a regionalização do universal, como formas de dominar o mundo e de desenvolver as potencialidades do homem em construção. Por fim,

"o modelo multicampi se constitui numa forma inovadora e imprescindível para a região, por atender às exigências de integração e cooperação com os setores produtivos e demais instâncias comunitárias, aliando-se ao seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural" (30).

O projeto da UNOESC delineia dessa forma o modo como a Universidade do Oeste de Santa Catarina vai se implantar organizacionalmente.

7.3 - A ORGANIZAÇÃO

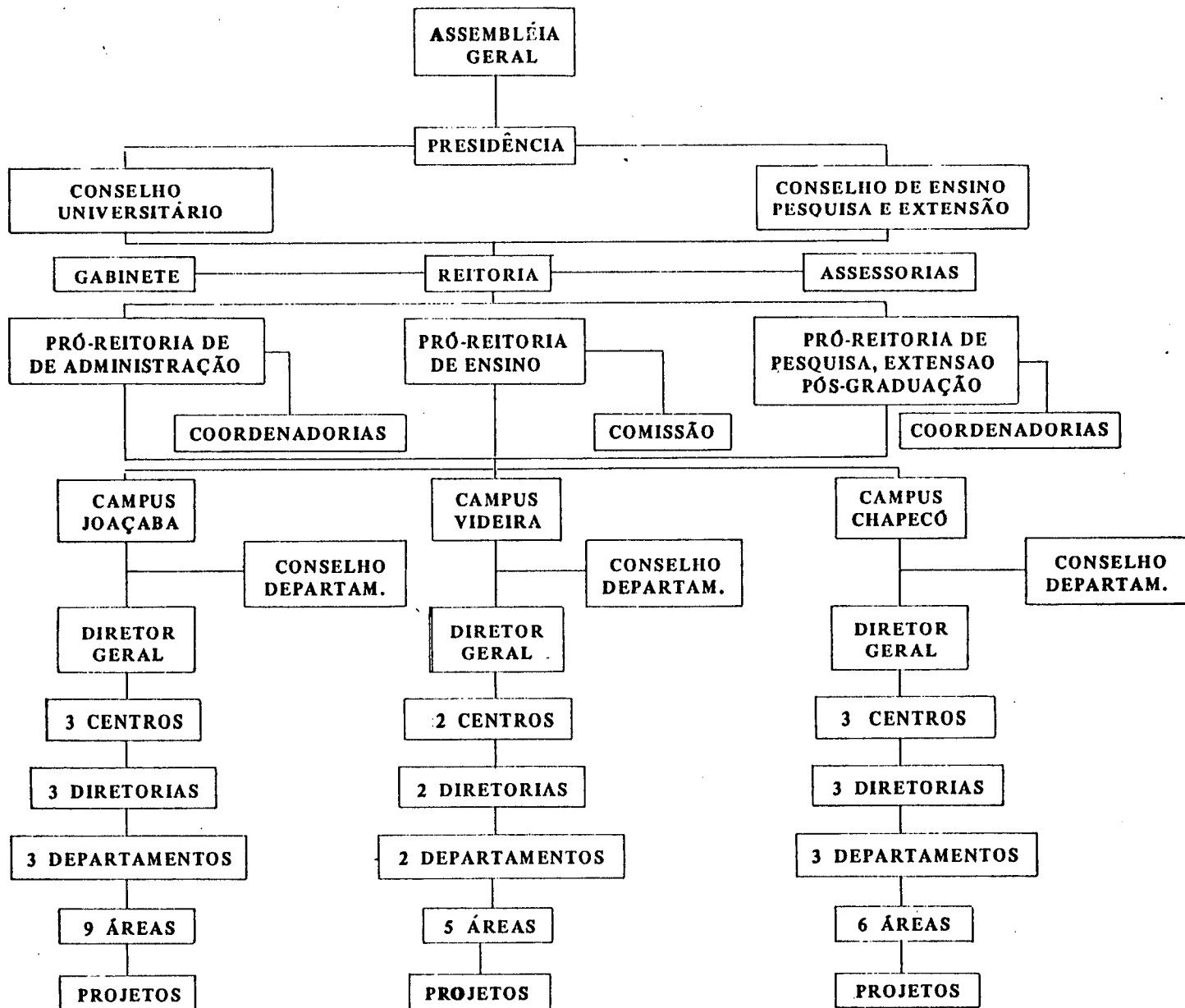
A UNOESC se estrutura, hodiernamente, sobre as bases administrativas e gerenciais das Fundações Educacionais que lhe deram origem. Tal estruturação obedece, como vimos, aos ditames do sistema jurídico do país. Mas, no interior da atual organização, há um processo de negação dessas formas o qual pode ser entendido como germe de novas exigências de modernas maneiras da Universidade se estruturar.

A UNOESC ao se compor, devido às imposições do modelo burocrático da legislação em vigor, foi obrigada a adotar o sistema de Reitoria, Vice-Reitorias, Centros, Departamentos, Coordenações de Cursos e outros.

A seguir apresenta-se o Organograma do Projeto da Universidade para num segundo momento compará-lo com uma nova proposta organizativa.

Na análise de ambos, surge um desafio: contrapor o modelo burocrático que toma conta da universidade atual no país a um modelo novo que possa auxiliar a repensar a universidade a partir de seu conceito-base e não a partir de mudanças nas suas formas e aparências.

UNOESC - ORGANOGRAMA DO PROJETO DE UNIVERSIDADE



Ao se observar o organograma tradicional, vê-se que a Reitoria precisou armar-se de Assessorias Especiais e de toda uma sistemática de Controles e de Supervisão, atribuindo a três Vice-Reitores papel relevante na direção dos trabalhos. A uma Vice-Reitoria coube a coordenação da área de Administração e Finanças, a outra a Coordenação de Ensino e a uma terceira a Pesquisa e a Extensão Universitária.

Os Vice-Reitores deverão coordenar as atividades intervindo nos Centros e Departamentos os quais encarregar-se-iam de promover o inter-relacionamento e a interdisciplinaridade dos cursos.

Importa reconhecer mais uma vez que o modelo organizacional atual da UNOESC privilegia a burocracia. A experiência vivenciada pela atual universidade brasileira dá relevo e oportuniza a proliferação de processos de controles e comandos que impossibilitam e castram o desenvolvimento da pesquisa e de iniciativas inovadoras.

As muitas assessorias, coordenadorias e núcleos de apoio tornam pesada a máquina administrativa criando uma multiplicidade de sistemas de fiscalização aos quais originalmente se atribuiu função administrativa mas que resultam em órgãos coatores da criatividade e promotores de circuitos hierárquicos formalísticos sem finalidade.

Para a UNOESC se tornar de fato uma idéia, isto é, a realização concreta do seu conceito básico, ela deve transformar a estrutura organizacional que foi obrigada a adotar, numa estrutura organizativa ágil, adequada ao seu conteúdo, sem formalismos e que procure sempre a maior congruência possível com o ambiente.

A UNOESC que se põe hoje, deve ser compreendida não como entidade que já existe, quase acabada, mas como um ser em construção que se concretiza no processo de desenvolvimento dela mesma e só se realiza na exteriorização de suas formas de pesquisa, ensino e extensão. Essas três atividades tidas como vitais, têm sua raiz nas necessidades do movimento do desenvolvimento do processo de produção do Oeste de Santa Catarina. É nesse processo que a UNOESC deverá se estruturar modernamente.

Na visão proposta por este estudo, a UNOESC, como Universidade, possui Reitoria e ao Reitor cabe controlar e coordenar a administração de toda a instituição. Mas a Reitoria não precisa armar-se de complexas e amplas redes de controle, numa suposição comprovadamente errônea de que, múltiplos laços e liames libertam a criatividade e dinamizam o serviço.

A Reitoria terá uma estrutura mínima e instituirá uma Assessoria Especial preocupada com a captação de recursos possibilitadores da ação da universidade. O Reitor terá em cada Campus, um Superintendente. Ele é o elemento de confiança da Reitoria e do Campus e será o dinamizador e o responsável pelo apoio administrativo irrestrito a dois ou três grandes projetos de pesquisa, programados para cada Campus, obedecendo ao vocacionamento regional. Tais projetos de pesquisa deverão estar integrados aos movimentos do processo de desenvolvimento dos setores produtivos e serão dirigidos por um pesquisador sênior, de reconhecida capacidade.

O processo de decisão da escolha desses projetos de pesquisa deve ser atribuição do pesquisador. Ao Reitor e ao Superintendente do Campus cabe apoiar, mesmo que a idéia pareça louca para alguns.

O pesquisador, por outro lado, não vai se arvorar em dono de seu projeto, e terá no Reitor e no Superintendente, elementos que compreendem as razões da sua escolha e exercem uma função de suporte. O pesquisador também não há de ter o poder absoluto e dever-se-ão encontrar os mecanismos administrativos que controlem e doseem os poderes das Superintendências dos Campi e do pesquisador sênior.

Para que os grandes projetos de pesquisa aconteçam e norteiem a vida científica da UNOESC, a Universidade terá na interdisciplinaridade a matriz de toda a sua estrutura organizacional.

Quando se fala de interdisciplinaridade, se quer falar, não de uma interdisciplinaridade que se apresenta como um diálogo inócuo entre diversas ciências (31) na tentativa de encontrar entre elas um denominador comum. Quer-se tratar a interdisciplinaridade

"enquanto princípio mediador de comunicação entre as disciplinas", (...) "princípio de máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, mas acima de tudo, (como) o princípio da diversidade e da criatividade" (32).

Existem maneiras de pôr em prática e promover a interdisciplinaridade. Apresenta-se aqui uma fórmula tirada de um estudo científico do Prof. Norberto Etges sobre a "Produção do Conhecimento e Interdisciplinaridade". Trata-se da forma chamada interdisciplinaridade compreensiva ou esclarecedora, através da qual

"uma ciência ou teoria é explicada pelos métodos de uma outra ciência ou teoria. Significa que um modo de procedimento de uma ciência se torna o objeto de outra. Em outras palavras, o conteúdo de uma ciência, por exemplo, o conteúdo da química será exposto nos termos da metodologia da sociologia. Mediante este procedimento, o químico se dará conta de seus comportamentos, pois é isto que interessa, e não o próprio objeto ou conteúdo da química. O químico deve conhecer bem a sua especialidade e deve tentar aplicar, com o melhor conhecimento de causa possível, os métodos de outra ciência, no exemplo acima, da sociologia. Se, por acaso, não descobrir diferenças que questionem seus procedimentos cotidianos, ele demonstra que nada entendeu de sua especialidade e que fará muito bem em abandonar esta atividade. Não se trata evidentemente de misturar métodos, mas de questionar por que empregamos certos métodos, e não outros em nosso campo, para verificar todas as suas possibilidades e também os seus limites. Não se quer tirar as certezas e a tranquilidade do cientista. Pretende-se, isso sim, que o cientista abandone livremente seu modo de pensar e de atuar e que retorne também livremente para seu campo" (33).

A UNOESC, tendo Reitoria, Campi, Superintendente nos Campi e a interdisciplinaridade como matriz, organizar-se-á estruturalmente norteando toda a sua atividade básica para os citados grandes projetos de pesquisa.

Esses projetos serão o núcleo organizacional central de cada Campus. Em volta deles, professores e alunos de todos os cursos, conservando a clareza de suas disciplinas, deverão se abrir aos questionamentos que a interdisciplinaridade esclarecedora exige.

No Campus da Chapecó, a área de Agronomia se apresenta, no vocacionamento regional, como urgência e através das Ciências Agrárias a UNOESC pode agir usando um amplo leque de opções de projetos de pesquisa adaptadas às emergências do ambiente.

Joaçaba tem seu Campus envolto na dinâmica das preocupações com a indústria metalmecânica e se fazem indispensáveis alguns grandes projetos de pesquisa cuja carência é ressentida e proclamada constantemente por este significativo setor de produção regional.

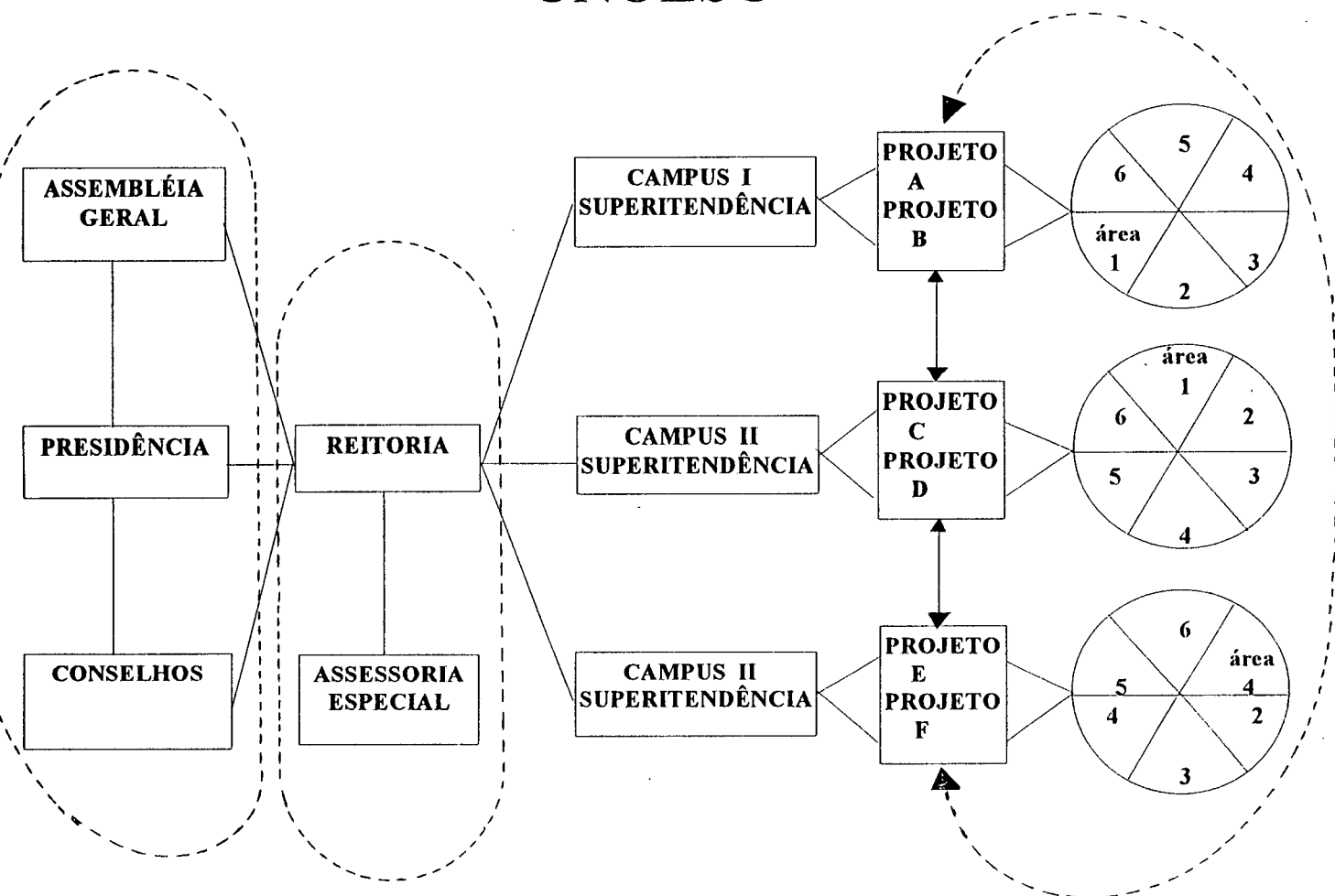
Evidenciam-se como prioritários, para o Campus de Videira, projetos de pesquisa na área de alimentos.

Na verdade, agronomia, metalmecânica e alimentos são áreas que não têm limites estabelecidos por fronteiras municipais, pois a agricultura, o sistema dos integrados, múltiplas fábricas de equipamentos bem como a manipulação de matéria-prima alimentar proliferam na região.

Esse é o fator que impõe a opção e o fortalecimento de projetos prioritários de pesquisa, como atividades motoras dos Campi Universitários, dentro da matriz da interdisciplinaridade.

O gráfico a seguir apresenta a proposta a ser implantada aos poucos, com clareza de horizontes, mas com firmeza, decisão e ousadia. Os Departamentos e Centros cederão lugar aos Projetos e, assim, a UNOESC se vai construindo.

UNOESC



PROPOSTA DE ORGANOGRAMA - 1993

8 - BIBLIOGRAFIA

8.1 - CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DO TEXTO

- (1) - DREZE, Jacques e Jean Debelle. *Concepções de Universidade*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 49, tradução de Francisco de Assis Garcia e Celina Fontenele Garcia.
- (2) - DREZE. Op. cit. p. 49.
- (3) - ETGES, J. Norberto. *Produção do Conhecimento e interdisciplinaridade*. Brasília, Editora Rumos, 1993, p. 7.
- (4) - ETGES, J. Norberto. Op. cit. p. 12.
- (5) - ETGES, J. Norberto. Op. cit. p. 8.
- (7) - DREZE. Op. cit. p. 49.
- (8) - DREZE. Op. cit. p. 49.
- (9) - DREZE. Op. cit. p. 51 e 52.
- (10) - DREZE. Op. cit. p. 55 e 56.
- (11) - NEWMAN, J.H. Cardeal. *The idea of a University*, citado por DREZE, in *Concepções de Universidade*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará. 1983. p. 34.

(12) - NEWMAN. Op. cit. p. 34.

(13) - NEWMAN. Op. cit. p. 38.

(14) - NEWMAN. Op. cit. p. 42.

(15) - NEWMAN. Op. cit. p. 34.

(16) - NEWMAN. Op. cit. p. 36.

(17) - WHITEHEAD, A. North. *Os fins da Educação e outros ensaios*. São Paulo. Editora Nacional e Editora da USP, 1969, p. 107.

(18) - WHITEHEAD. Op. cit. p. 101 s.

(19) - WHITEHEAD. Op. cit. p. 105.

(20) - WHITEHEAD. Op. cit. p. 109.

(21) - WHITEHEAD. Op. cit. p. 105.

(22) - WHITEHEAD. Op. cit. p. 106.

(23) - DREZE. Op. cit. p. 86.

(24) - Citação de Aulard, DREZE, in *Concepções de Universidade*, p. 87.

(25) - NAPOLEÓN. *Vues Politiques*. Citado por DREZE, in *Concepções de Universidade*, p. 88.

(26) - NAPOLEÓN. Op. cit. p. 93.

(27) - NAPOLEÓN. Op. cit. p. 88.

(28) - ETGES. Op. cit. p. 22.

(29) - UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA - UNOESC. Projeto de Universidade, Porto Alegre, Evãngraf, 1991, p. 15.

(30) - Ibidem p.21.

(31) - ETGES. Op. cit. p. 17.

(32) - Ibidem p. 18.

(33) - Ibidem p. 19.

8.2 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DREZE, Jacques et Jean Debelle. *Concepções de Universidade*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1983. Tradução de Francisco de Assis e Celina Fontenele Garcia.

ETGES, Norberto J. *O Conceito de trabalho e a ação do conceito*. Revista Perspectiva, CED/UFSC, 1991.

..... *Produção do Conhecimento e interdisciplinaridade*. Brasília, Editora Rumos, 1993.

..... *Trabalho, conhecimento, tecnologia e educação*. Revista Educação e Realidade, v. 17, n.2, 1992.

..... *Estrutura versus subjetividade nas relações sociais: Uma oposição de exterioridade?* Florianópolis: UFSC (xerografado) 1992.

WHITEHEAD, A. North. *Os fins da Educação e outros ensaios*. São Paulo. Editora Nacional e Editora da USP, 1969.

UNIVERSIDADE do Oeste de Santa Catarina - UNOESC - Projeto de Universidade. Porto Alegre, Evangraf, 1991.

MARX, K. *O capital*. (Crítica de Economia Política). Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A. 1989, 13ª. ed., L. 1. V.I. Tradução de Reginaldo Santa'Ana.

..... *Elementos Fundamentales para la critica de la economia Política* (Grundrisse) 1857 - 1858. Argentina, Siglo Veintuno Editores, 1989, 16ª. edición - (3 volumes).

- ALTAFIN, Juarez. *A Constituição e a autonomia da Universidade*. Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia , 1988.
- KNELLER, George F. *A ciência como atividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 1980. Tradução de Antônio José de Souza.
- HERR, Clark. *Os usos da Universidade*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1982. Tradução de Débora Cândida Dias Soares.
- PINTO, Alvaro V. *A questão da Universidade*. Cortez Editora, Editora Autores Associados, 1986.
- ANAIS. IV Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. As perspectivas da Extensão Universitária nos anos 90. Editora da UFSC - Florianópolis, maio 1990.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil S.A 1974. Tradução de Sebastião Uchoa Leite.
- SOUZA, Edson M. *Expansão do Ensino Superior e Necessidades do Mercado de Trabalho*, (I Encontro de Reitores das Universidades Públicas. Publicações MEC: Ministério de Educação e Cultura).
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Universidade e Multiversidade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- ENGUITA, Mariano F. *Trabajo, Escuela e Ideología*. Ediciones AKAL, S.A. Madrid - España, 1985.

- FLEURI, Reinaldo M. *Educar para que?* Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1987, 2^a. edição.
- ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. Tradução de Roberto Raposo.
- MAO Tse Tung. *Reformemos o nosso estudo: Filosofia de Mao Tse Tung*. Edição Boitempo.
- RETHEL, Alfred S. *Trabalho Intelectual e Trabalho Manual* (Crítica da Epistemologia). (xerografado). Tradução do Prof. Dr. Norberto Jacob Etges. 1991 UFSC.
- TODOROV, João C. *A Universidade Brasileira: Crise e perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989. (Série UNB).
- TEDESCO, Juan C. *Sociologia da Educação*. S. Paulo: Cortez Editora; Editora Autores Associados, 1989, 3^a. edição, (Coleção temas básicos de ...) Tradução de Marylene Bonini e José Severo Camargo Pereira.
- BUARQUE, Cristovam. *Uma Idéia de Universidade*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1986. (Série UNB).
- GIANNOTTI, José A. *Universidade em ritmo de barbárie*. Editora Brasiliense, 3^a. edição, 1987.
- HEGEL, Georg W. F. *Princípios de Filosofia do Direito*. Lisboa, Guimarães Editores, Lda. 1990. Tradução de Orlando Vitorino.

..... *Propedêutica Filosófica*. Lisboa, Portugal - Edições 70 Lda. Tradução de Artur Morão.

OFFE, Claus. *Trabalho e Sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da " Sociedade do Trabalho"*. Volumes I e II. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1989. Tradução de Gustavo Bayer e Margit Martincic.

..... *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984. Tradução de Bárbara Freitag.

GRACIANI, Maria Stela S. *Ensino Superior no Brasil: Estrutura de Poder na Universidade em questão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1984, 2ª edição.